

Diretoria de Ensino de Bragança Paulista



CIDADES

Atibaia, Bom Jesus dos Perdões, Bragança Paulista, Joanópolis, Morungaba, Nazaré Paulista, Pedra Bela, Pinhalzinho, Piracaia, Socorro, Tuiuti e Várzea

85 professores
capacitados

91 escolas
participantes

CURSOS

Língua Portuguesa/Literatura e Geografia/História

640 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



Pátio da Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista; na página anterior, fachada da E.E. Coronel Francisco de A. Gonçalves



NA VANGUARDA

“ O processo foi fantástico. Conseguimos trazer a Unicamp para Bragança Paulista! É uma parceria que nos alegra muito. Muitos professores só fizeram o curso depois que a presença de professores da Unicamp foi confirmada. Agora, queremos triplicar o número de estudantes para que possamos, junto com a Universidade, implementar um trabalho de aperfeiçoamento dos professores. Conseguiremos, com certeza. A Unicamp é a vanguarda da educação neste país. ”

Valter Dias Lopes, dirigente de ensino de Bragança Paulista



OUTRAS PALAVRAS

A pesquisa de Francisco Alves Filho, doutorando da Unicamp, lança luz sobre o jornalismo opinativo, mais precisamente nas apropriações que os articulistas fazem das palavras proferidas por terceiros. Na Teia do Saber, as palavras ressurgem no centro de seu ofício. No projeto, porém, elas não são classificadas e catalogadas, não se encaixam em manuais teóricos. Francisco está mais interessado na metodologia, em mostrar aos professores de Bragança Paulista a importância do “saber ler”.

A lapidação das palavras e de seus respectivos significados, feita por meio da leitura de jornais e revistas, resulta no objetivo de sua assessoria: mais importante do que saber escrever, é entender aquilo que está escrito. Francisco mostra-se incansável na tarefa que, sabe, é antes de tudo prática – senta ao lado dos professores e diz o que falta, o que está de acordo, aquilo que pode ser aperfeiçoado. Um exercício sem fim, baseado na interação. Francisco não está interessado no veredicto, na palavra final. O que ele faz é colocar os professores na condição de mediadores de um processo no qual o aluno é o maior beneficiado.



ZELANDO

Dalva Maria Alves Pinto, integrante da comissão organizadora da Teia do Saber em Bragança Paulista, vê como extremamente necessária a formação continuada dos professores da rede estadual de ensino. Professora há 30 anos, Dalva zela, todos os sábados, pelo pleno funcionamento do projeto, fazendo a ponte entre seus colegas e a Diretoria de Ensino.



RODA MUNDO, RODA PIÃO

Maria Inês Specie, professora de história da Escola Franco Craveiro, no município de Socorro, considerou “maravilhoso” o conteúdo da Teia do Saber. Teve a oportunidade de trabalhar com ferramentas diferentes, entre as quais as transparências com imagens que habitualmente não estão presentes nos livros didáticos.

A Era Vargas, por exemplo, ganhou novos contornos na sala de aula. As novidades não param na parte imagética. A música “Roda Viva”, de Chico Buarque, por exemplo, foi trabalhada pela professora. E o retorno? Maria Inês não deixa margem para dúvida: “Os alunos gostaram muito”.



NOVA LEITURA

Doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Adriane Sartori investiga as bases pedagógicas e epistemológicas da progressão curricular que envolve o ensino de língua portuguesa. Por conta disso, ela e os professores vêm buscando soluções que fogem da receita pronta, direcionando o foco para o campo da compreensão da leitura. Para Adriane, os alunos saem da escola sem saber ler. Os resultados, na avaliação da professora, têm começado a aparecer.



NOVO OLHAR

Professora de História da Escola Araci Bueno Conti, Atibaia, Elke Sakaki de Araújo aprendeu novos conceitos com os professores da Unicamp, muitos deles aplicados na sala de aula. “Passei a enxergar as coisas de uma forma mais prática e abrangente. As aulas estão sendo complementadas com recursos audiovisuais que despertam, nos alunos, a vontade de aprender”.



MAPEANDO

Na opinião do professor Paulo Miceli, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, é uma obrigação da universidade pública “sair do seu umbigo” e servir a sociedade. O docente acredita que não tem sentido todo o conhecimento que não se finaliza no ensino, sobretudo para a escola pública de ensino médio e fundamental. “Se não fizer isso, a universidade se esvazia em seus objetivos”.

Miceli, que lançou mão da cartografia em seu curso, constatou que os professores ficaram entusiasmados com as aulas, até porque se sentiram valorizados. “Eles são menosprezados pelas políticas públicas, são vistos como secundários pelo Estado. Um projeto como a Teia do Saber desperta o interesse”.

EM QUADRINHOS

Histórias em quadrinhos e charges utilizadas como ferramenta de ensino atraíram o interesse dos alunos da E.E. José Guilherme, em Bragança Paulista. “Foi um trabalho muito rico”, revela a professora Ana Cristina Fermino, que buscou na experiência uma forma de aproximar o estudante da escola, local visto por muitos jovens como ultrapassado. “O apelo externo é muito grande, é difícil cativar os adolescentes. Por isso, precisamos diversificar e adotar novas estratégias”.

Por meio de painéis, foram abordados temas como sexualidade, adolescência, drogas, entre outros. O resultado, de acordo com Ana Cristina, foi muito interessante. “Esse foi um dos aspectos positivos da Teia do Saber, que prega a importância de variar os assuntos na sala de aula. Os estudantes ganharam voz e debateram os assuntos”.

A professora Maria Helena Pereira da Silva, que também usou tirinhas de HQs em sala de aula, confirma o sucesso da iniciativa. “O humor está presente, os alunos colocam a criatividade em prática. Fiquei encantada com as observações feitas por eles, que ‘viajaram’ e mostraram uma construção diferenciada de mundo”.

O sucesso da empreitada não significa o endosso de tudo que vem por parte dos estudantes. Maria Helena defende uma análise mais acurada do material produzido pelos jovens. “Não podemos aceitar tudo, não é por aí”, prega a professora, que chega a sortear, na sala, revistas compradas por ela. “Muitos alunos mal conseguiram escrever o nome. O progresso foi visível”.

“Hoje, meus alunos da terceira série conseguem ler e entender charges”, testemunha Maria Aparecida Zago de Souza, professora da E.E. José Pires Alvim, em Atibaia. O progresso foi tão grande, que os estudantes, alguns oriundos de favelas, fazem sozinhos a interpretação das imagens. Maria Aparecida chega a trocar seus livros antigos por gibis para também trabalhar em sala de aula. “O meu objetivo é primeiramente despertar o interesse para aprendizagem”.



Maria Helena Pereira da Silva



Maria Zago de Souza



Ana Cristina Fermino





FÁBULAS FABULOSAS

De que maneira as fábulas podem contribuir para que os alunos tomem gosto pela leitura? A resposta está no trabalho desenvolvido pela professora Sonia Imaculada Bueno, da E.E. Coronel Olímpio Gonçalves dos Reis, a mais antiga do município de Socorro. “Os estudantes aprenderam a interpretar os textos e apreciar os valores contidos nas fábulas, desenvolvendo a oralidade e a escrita. Antes, eles não colocavam sequer a pontuação. Hoje, não só aprenderam a escrever, como também apreciam o que estão lendo”.

Sonia (à esquerda) trabalhou com a fábula infantil “O gato malhado e a andorinha sinhá”, de Jorge Amado. A proposta era que os alunos reescrevessem o texto, incorporando vários temas de interesse jornalístico, entre eles, aqueles ligados à política, economia e esporte. O encerramento do projeto aconteceu no Teatro Imprensa, em São Paulo, onde os alunos das quartas-séries assistiram à peça sobre a fábula. “Atingi meu objetivo, que foi o de despertar o gosto pela leitura”.



Fotos: Alex Matos



Divulgação



